



Apostila de História da Indumentária

Prof^a Ursula Carvalho





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

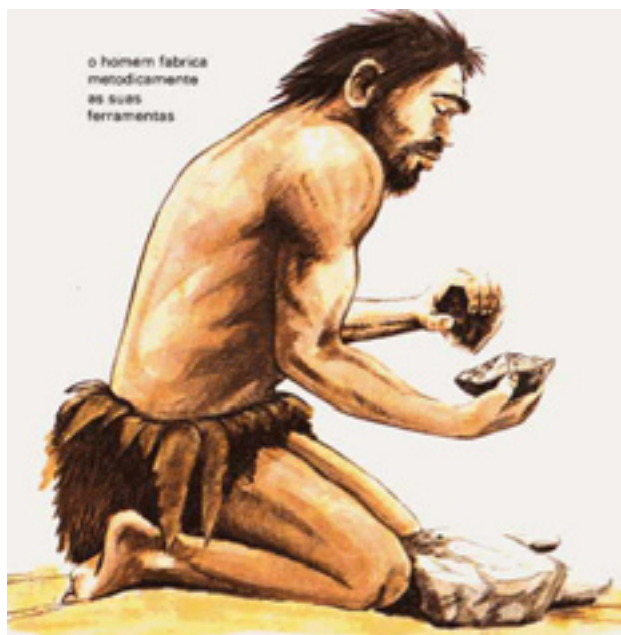
Apostila de História da Indumentária
Desenvolvida pelo Profª Ursula Carvalho
Professor de 1º e 2º Graus da Unidade de Ensino de Araranguá
Para a Disciplina de História da Indumentária do Curso Técnico em Moda e Estilo

A reprodução desta apostila deverá ser autorizada pelo CEFET

PRÉ HISTÓRIA E ANTIGUIDADE ORIENTAL

Pré-História

A Pré História é dividida em períodos que marcam a evolução do homem: a Idade da Pedra, do Bronze e do Ferro. A Idade da Pedra foi dividida em dois períodos: Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada e Neolítico ou Idade da Pedra Polida.



O homem pré-histórico

Nos primórdios da pré-história, o período Paleolítico, os homens retiravam os alimentos da natureza. Coletavam frutos, grãos e raízes, pescavam e caçavam animais. Os instrumentos ou ferramentas usados eram de pedra, madeira ou osso. Os principais foram os machados de mão, pontas de flecha, pequenas lanças, arpões, anzóis e mais tarde agulhas de osso, arcos e flechas. Ainda não possuíam o sentido de habitação, eram nômades, ou seja, se deslocavam constantemente de região para região em busca de alimentos. Habitavam copas de árvores, cavernas, saliências rochosas ou tendas feitas primitivamente com peles de animais, galhos e folhas.

As roupas eram feitas de pele de animais e era necessário trabalhar a pele para que ela ficasse viável de ser usada e não prejudicasse os movimentos dos homens que iam à caça. Era

necessário tentar dar forma às peles e torná-las maleáveis, uma vez que secas também ficavam muito duras e de difícil trato. Assim se deu início o processo de mastigação das peles, prática ainda muito comum entre os esquimós. Outra técnica usava era a de sovar a pele após molhá-la, repetidas vezes.

Ambas as técnicas não eram de todo eficientes e com o tempo foram evoluindo. O primeiro passo foi o uso de óleos de animais que mantinham as peles maleáveis por mais tempo, pois demoravam mais para secar. Até que finalmente se descobriu as técnicas de curtimento, quando se passou a usar o ácido tânico contido na casca de determinadas árvores (carvalho e salgueiro) para tornar as peles permanentemente maleáveis e também impermeáveis.

Ao longo destes períodos o homem passou por diversas transformações e foi tendo novas conquistas, como habilidade de produzir refinadas ferramentas, técnicas de agricultura e pecuária, a descoberta do fogo, dentre outros. Pelos estudos feitos na área do vestuário, a Indústria Têxtil pode ter início durante a pré-história, mais precisamente no período Neolítico. Neste período, as peles dos animais colocadas no ombro do homem primitivo impediam os movimentos. Foi preciso, então criar adaptações para libera-los. Assim, surgiram a cava e o decote. Muito tempo depois, um pequeno retângulo de pano em volta da cintura fez nascer o sarongue, uma forma primitiva de saia. E foi a partir das necessidades físicas humanas que as diferentes formas do vestuário evoluíram.



Caça na pré-história

Egito

A civilização egípcia antiga desenvolveu-se no nordeste africano (margens do rio Nilo) entre 3200 a.C (unificação do norte e sul) a 32 a.C (domínio romano).

Esta civilização destacou-se muito nas áreas de ciências e desenvolveu conhecimentos importantes na área da matemática, medicina e astrologia. Estes conhecimentos foram usados na construção de pirâmides e templos; nos procedimentos de mumificação.

Símbolo de poder e fertilidade o rio Nilo é considerado uma obra da natureza até hoje. Como a região é formada por um deserto (Saara), o rio Nilo ganhou uma extrema importância para os egípcios. O rio era utilizado como via de transporte (através de barcos) de mercadorias e pessoas. As águas do rio Nilo também eram utilizadas para beber, pescar e fertilizar as margens, nas épocas de cheias, favorecendo a agricultura.

No Egito Antigo, a indumentária era basicamente feita de artigos de linho. Rectangulares, as peças de tecido eram enroladas em torno do corpo e para fixá-las eram usados espinhos, que podem ter sido a origem dos alfinetes. Neste período eles usavam uma tanga curta de tecido, o CHANTI, enrolada várias vezes ao corpo e presa por um cinto, sendo usado por homens e mulheres. Usavam também uma manta que caíam-lhes pelo ombro. Durante este período, a grande distinção entre os monarcas e os nobres das classes inferiores eram a riqueza dos tecidos e os ornamentos, como jóias colares e braceletes; os acessórios sempre foram diferenciadores sociais. Durante o Novo Império, foi introduzida uma peça no vestuário egípcio chamada KALASIRIS, que era usada por ambos os sexos, e consistia em uma túnica longa,



Mulher Egípcia

sem mangas, que variava somente no comprimento.

Era hábito raspar a cabeça, no entanto faziam uso de perucas ricamente ornamentadas. Eram produzidas com cabelo natural, folhas vegetais, linho e palmeira. Os faraós usavam trabalhadas coroas de variadas

formas, tinham também o hábito de pintar o contorno dos olhos para lhe dar maior destaque. IMAGEM cabelo raspado/peruca

Na passagem do Médio para o Novo Império, o CHANTI peça de tecido enrolada no quadril dos homens, era longo, cobria toda a região lombar e caía drapeado. O modelo que exigia grande quantidade de tecido para poder ser confeccionado, refletia um tempo de estabilidade econômica e as possibilidades dessa sociedade de arcar com os elevados custos das vestimentas. No Novo Império, a questão religiosa era um dos fatores que determinava alguns dos caminhos do vestuário. Os sacerdotes e sacerdotisas, por exemplo, usavam em suas roupas representações de animais, considerados figuras divinas.



Rainha do Egito Antigo



Osíris - Figura sem perspectiva

Os egípcios não trabalhavam com a técnica da perspectiva (imagens tridimensionais). As tintas eram obtidas na natureza (pó de minérios, substâncias orgânicas, etc).

Nas tumbas de diversos faraós foram encontradas diversas esculturas do ouro. Os artistas egípcios conheciam muito bem as técnicas de trabalho artístico em ouro. Faziam estatuetas representando



Máscara de Tutancamón

deuses e deusas da religião politeísta egípcia. O ouro também era utilizado para fazer máscaras mortuárias que serviam de proteção para o rosto da múmia.

Templos, palácios e pirâmides foram construídos em homenagem aos deuses e aos faraós. Eram

grandiosos e imponentes, pois deviam mostrar todo poder do faraó. Eram construídos com blocos de pedra, utilizando-se mão-de-obra escrava para o trabalho pesado.

Assírios e Babilônios

Assírios e babilônios são povos que se localizaram na região da mesopotâmia. A palavra mesopotâmia tem origem grega e significa “terra entre rios”. Essa região localiza-se entre os rios Tigre e Eufrates no Oriente Médio, onde atualmente é o Iraque. Esta civilização é considerada uma das mais antigas da história.



Escritas Assírios

Vale dizer que os povos da antiguidade buscavam regiões férteis, próximas a rios, para desenvolverem suas comunidades. Dentro desta perspectiva, a região da mesopotâmia era uma excelente opção, pois garantia a população: água para consumo, rios para pescar e via de transporte pelos rios. Outro benefício oferecido pelos rios eram as cheias que fertilizavam as margens, garantindo um ótimo local para a agricultura.

No geral, eram povos politeístas, pois acreditavam



Guerreiro Assírio

em vários deuses ligados à natureza. No que se refere à política, tinham uma forma de organização baseada na centralização de poder, onde apenas uma pessoa (imperador ou rei) comandava tudo. A economia destes povos era baseada na agricultura e no comércio nômade de caravanas.

O povo Babilônio construiu suas cidades nas margens do rio Eufrates, ao sul da mesopotâmia. Foram responsáveis por um dos primeiros códigos de leis que temos conhecimento. Baseando-se nas Leis de Talião (“olho por olho, dente por dente”), o imperador e legislador Hamurabi desenvolveu um conjunto de leis para poder organizar e controlar a sociedade. De acordo com o Código de Hamurabi, todo criminoso deveria ser punido de uma forma proporcional ao delito cometido.

Os babilônios também desenvolveram um rico e preciso calendário, cujo objetivo principal era conhecer mais sobre as cheias do rio Eufrates e também obter melhores condições para o desenvolvimento da agricultura. Excelentes observadores dos astros e com grande conhecimento de astronomia, desenvolveram um preciso relógio de sol.

Além de Hamurabi, um outro imperador que se tornou conhecido por sua administração foi Nabucodonosor, responsável pela construção dos Jardins suspensos da Babilônia (que fez para satisfazer sua esposa) e a Torre de Babel. Sob seu comando, os babilônios chegaram a conquistar o povo hebreu e a cidade de Jerusalém.

Já os Assírios destacaram-se pela organização e desenvolvimento de uma cultura militar. Encaravam a guerra como uma das principais formas de conquistar poder e desenvolver a sociedade. Eram extremamente cruéis com os povos inimigos que conquistavam. Impunham aos vencidos, castigos e crueldades como uma forma de manter respeito e espalhar o medo entre os outros povos. Com estas atitudes, tiveram que enfrentar uma série de revoltas populares nas regiões que conquistavam.

O Império assírio abrange o período de 1700 a 610 a.C, mais de mil anos. Sua capital, nos anos mais prósperos, foi Nínive, numa região que hoje pertence ao Iraque.

Os assírios eram ferozes guerreiros e usavam sua grande força militar para expandir seu Império. Libertando-se dos sumérios, conquistaram grande parte do seu território, mas logo caíram em poder dos babilônios.

O Império Assírio conheceu seu período de maior glória e prosperidade durante o reinado de Assurbanipal (até 630 a.C). Cobravam pesados impostos dos povos vencidos, o que os levava a revoltarem-se continuamente.

A escrita dos assírios constituía-se de pequenas cunhas feitas com estilete em tabuletas de argila - é chamada de escrita cuneiforme. Descobriram-se milhares de tabuletas na biblioteca de assurbanipal em Nínive, conhecendo-se grande parte da história do Império Assírio a partir da leitura. Os palácios de Nínive são cobertos de esculturas em baixo-relevo, representando cenas de batalhas e da vida cotidiana dos assírios. Também por eles sabemos muito da história desse grande Império do passado.

Tanto na Assíria quanto na Babilônia, o traje típico era uma espécie de túnica com mangas curtas e justas que em muito se assemelhava ao KALASIRIS egípcio. Nas camadas sociais mais baixas, este era o traje de homens e mulheres, só variando com o uso de um cinto, mesmo no período mais próspero, os escravos dos nobres continuaram usando esta túnica.

Os homens das classes mais altas usavam o mesmo traje de mangas curtas, só que mais longo, chegando até os pés. Quase todos usavam cintos enfeitados, e, de acordo com o status de cada pessoa, os trajes também eram ornamentados e bordados, de forma mais ou menos elaborada. Embora algumas vezes a posição social fosse

indicada pela quantidade de enfeites na veste de corpo inteiro, era mais claramente revelada pelo uso da estola. Outro símbolo de poder era a barba e o cabelo, os reis costumavam usar uma barba postiça, que era cuidadosamente penteada, e por fim untar os cabelos com óleo, para evitar o ressecamento e repelir piolhos.

Persas

Os Persas dominaram a civilização da babilônia no século VI a.C., usavam trajes mais quentes, pois sua origem era de região montanhosa de temperaturas baixas. Mas logo passaram a usar túnicas franjadas e mantos do povo conquistado, utilizavam a lã, o linho e a seda, trazida da China. Usavam um adorno na cabeça, que os gregos chamavam de FRÍGIO e também usavam botas fechadas de couro flexível com a ponta ligeiramente voltada para cima.

A maior inovação dos persas foi sem dúvida o uso das roupas repartidas, como calças, que passaram a ser consideradas o traje típico persa.



Homem Persa

ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Creta

Segunda maior ilha situada no mar mediterrâneo, Creta teve o apogeu de sua cultura entre 1750 e 1400 A.C. O vestuário masculino e feminino possuíam diversas diferenças



Deusa Cretense

As mulheres usavam uma série de babados sobrepostos numa saia longa em formato de sino, tinham uma cintura bem afunilada. Na parte superior do corpo portavam um tipo de blusa costurada aos ombros de magas curtas deixando a mostra os seios, que eram associados à fartura e fertilidade. Na cabeça ela usava um tipo de chapéu pendurado com um animal, cada animal tinha seu significado (a cobra era símbolo de poder).

Já a roupa masculina era mais simples: um saiote que era uma espécie de tanga com um cinto metálico marcando a cintura, com o resto do corpo desnudo. Eles usavam o cabelo e barba grandes, plissados e cacheados.

Grécia

A Grécia é o país mais meridional dos Balcãs, faz fronteira marítima no Mar Egeu, a sul com o Mar Mediterrâneo e a oeste com o Mar Jônico, através do qual tem ligação a Itália.

A cultura grega não só está ligada com o valor estético, está também com a filosofia, arte, democracia.

A respeito da indumentária, ela foi muito peculiar onde drapeados ficaram em evidência. Consistia basicamente de três peças, que originaram variações nas formas de amarrar os cintos e franzir tecidos, são elas: a túnica de linho (QUITON), uma sobreveste de lã (PEPLO), usada pelas mulheres



Clâmide



Deusa Atena (Peplo)



Menina de verona (túnica)

e uma capa de lã (CLÂMIDE).

A vestimenta principal foi o QUITON, era um retângulo de tecido, como se fosse uma túnica, colocada no corpo presa somente os ombros e embaixo dos braços, sendo que uma das laterais era aberta e outra fechada. Sobre os ombros era preso com broches ou agulhas (FÍBULA), na cintura amarrado por um cordão ou cinto. Mulheres e homens eram adeptos dele, sendo que os dos homens era curto para o dia a dia, quando ocasiões especiais era usado longo; o feminino sempre longo.

Os gregos também eram adeptos dos mantos; A CLÂMIDE era uma capa curta de lã de uso militar. Já o HIMATION era uma roupa civil ampla, usada em dias frios. O manto feminino era o PEPLO bem longo chegando até os pés. O PEPLO das mulheres era feito com tecido ricamente decorado, de forma tubular, era vestido pela cabeça e ajustado ao ombro por fechos, deixando os braços nus e por fim um cinto firmava o traje na cintura. A indumentária grega destacou-se por utilizar bastante os drapeados, e também pelo uso de sandálias com tiras de couro.

Alguns tecidos tinham

estampas vistosas e alegres, os gregos usavam roupas muito coloridas. O único lugar em que era obrigatório usar branco era o teatro, que por ser considerado sagrado, exigia um tom de pureza. Os cabelos eram encaracolados ou ajeitados ao redor do rosto, também caía nas costas ou era arrumado segundo o jeito de cada um. Os gregos mais velhos usavam barbas, enquanto que os mais jovens mantinham o rosto limpo, e as mulheres usavam os cabelos em forma de cachos presos na nuca que desciam em ondas pelo corpo. Os gregos também faziam uso de diademas ou coroas no cabelo, ricamente adornadas.

Roma

Roma foi fundada em 753 a.c, cidade capital da Itália. Desde então tornou-se no centro da Roma Antiga sendo uma das cidades com maior importância na História mundial, um dos símbolos da civilização europeia. Seu declínio começou no século V d.C., e a principal causa de sua queda foi a invasão dos povos bárbaros.

A civilização romana é considerada a mais rica da Antiguidade e, naturalmente, suas vestimentas são elementos que ajudam a reforçar essa condição. Roma recebeu influências gregas no seu vestuário, a TOGA, sua principal vestimenta, se assemelha ao HIMATION. Os romanos usavam a TÚNICA e, por cima dela, a TOGA, que era extremamente volumosa e denunciadora do status social daquele que a portava. Pessoas mais simples, como os trabalhadores e até mesmo os soldados do exército, muitas vezes usavam só a túnica.



Romanos



Toga

Existiam diferentes tipos de TOGA, conforme a função social e a idade de quem as vestiam. Como por exemplo, a separação entre a toga viril e a pueril. A primeira era utilizada pelos homens a partir dos 14 ou 16 anos, de tecido branco, muito simples era usada em ocasiões formais. A pueril era igualmente branca, porém mais curta. Outra toga de sucesso era a brilhante: eles passavam sobre o tecido um giz branco que a deixava brilhando. Era usada pelos candidatos a cargos públicos para chamar atenção durante seus discursos.

Havia ainda a toga que possuía uma tira na cor púrpura em sua borda, usada por alguns magistrados e pelo imperador em ocasiões especiais. Podia também ser usadas pelos pré-adolescentes. A indumentária era muito normatizada e quem infringisse suas regras era punido. Um senador romano que não fosse vestido com a toga corretamente ao senado poderia ser preso.

As mulheres usavam a TÚNICA longa feito de lã, linho, algodão, e para os ricos de seda e, muitas vezes, a STOLA sobre ela, que era outro tipo de túnica, cujas principais características eram as mangas. A peça para as mulheres correspondente à toga era a PELLA, uma espécie de manto que tinha o formato retangular, sendo esse detalhe a maior diferença em relação à correspondente masculina.

Os cabelos eram curtos, com elegantes anelados e cachos com pinças quentes, a cabeça ficava descoberta, mas às vezes era usado chapéus de feltro de várias formas. Em público era comum a mulher cobrir a cabeça, mas com o tempo os penteados foram tornando-se mais elaborados, tornando-se um sinal de status. Eram usados um coque com mechas, ou emolduravam o rosto com pequenos cachos, também usava-se muitas jóias de todos os tipos.

IDADE MÉDIA

Com o Cristianismo, a arte volta-se para a valorização do espírito, a Igreja possui poderes ilimitados e os seus valores vão impregnar toda a vida medieval. Deste modo, por imposição dos dogmas e moral da Igreja, o Cristianismo transformou a produção artística.

A partir deste período nota-se um contraste muito grande entre a indumentária do Império do Oriente e do Ocidente. Isso se dá pelo fato do Ocidente ter recebido a influência dos bárbaros (como os romanos chamavam os povos que viviam à margem de seu império, com língua, religião e costumes distintos dos considerados civilizados). A vestimenta foi baseada na indumentária romana e na germânica, com sobreposições de túnicas e mantas.

Muitos elementos ligados à indumentária militar, como braçadeiras, couraças e peitorais faziam parte dessa roupa. A Europa bárbara ficou dividida até o século VII, quando se instalou o Império de Carlos Magno, surgido da ramificação dos reinos bárbaro-germânicos. Esse período foi de grande prosperidade do ponto de vista econômico, e logo veio a melhoria de vestuário, do século VII ao XII, durante o período Românico.

Nesse período, a roupa dos bárbaros se institucionaliza. Com a aproximação do século XII, o vestuário começa a se sofisticar. Surgem as barras de seda nas túnicas – que há muito tempo já eram utilizadas no Oriente – com bordados de fios de ouro, prata e de seda também. No cotidiano europeu dessa época, houve espaço para uma reflexão sobre a existência do homem, que acabou por gerar um novo movimento de valorização da figura humana, a partir do ajustamento das roupas.

Características também do vestuário do século XII

são as roupas com padrões bicolores, por meio dos quais se podia identificar o feudo do qual a pessoa fazia parte. Cada feudo era representado por símbolos e cores que se encontravam nas roupas dos nobres.

No final da Idade Média, do século XII ao XIV, surge o estilo gótico, impondo um novo contexto de criação e marcando a virada da Era Medieval para a Moderna. Na Idade Média, as roupas diferenciavam-se mais pelas cores e materiais do que pelas formas. A silhueta gótica é ajustada e verticalizada, pois visa valorizar o corpo. Assim, inicia-se uma diferenciação mais marcante entre a indumentária feminina e masculina.

Bizâncio

Entre o império romano e a renascença, época que correspondeu a idade média, situa-se o Bizâncio cristão, sempre ameaçado pelas tribos bárbaras. A época é considerada a ponte entre a antiguidade e o mundo moderno. O Império Bizantino correspondeu uma fase do império romano e surgiu como triunfo do cristianismo, quando foi transferida a capital do império romano de Roma para Bizâncio. Batizando de Constantinopla a cidade que é hoje Istambul.



Arte Bizantina

Com a mudança da sede do império romano para o Oriente, com a fundação da capital Bizâncio, pelo imperador Constantino, houve uma mudança brusca no vestuário. A simplicidade dos trajes romanos desapareceu, as cores, as jóias e as franjas do Oriente tomaram conta do vestuário. Os trajes eram bordados com fios de ouro, estampados com vários motivos, inclusive cenas bíblicas, as jóias eram abundantes e o púrpura era a cor dos poderosos. A seda era usada com frequência, tanto que Bizâncio passou a fiar e tecer sua própria seda. As mangas compridas e o comprimento até no chão dominaram os trajes, enfim ocorreu uma orientalização do vestuário.

Os vestuário bizantino era derivado ao mesmo tempo do gregos, romanos e asiáticos. Durante oito séculos o feito não mudou.

Homens e mulheres usavam túnicas com mangas e capas, adotando as calças dos soldados romanos. Até o século IX, os soldados usavam roupas de guerreiros romanos. O corte era folgado para ocultar as formas do corpo. As cores mais usadas eram: o ouro, púrpura, vermelho e marrom.

A decoração das roupas eram em formas de animais e vegetais, bem como símbolos cristãos como a cruz, e o cordeiro. Os tecidos eram brocados enriquecidos com bordados de prata e pedras preciosas. O TABLION, decoração tipicamente bizantina de forma quadrada e incrustada de jóias, ornamentava as capas masculinas da classe alta. As mulheres usavam sobre suas túnicas capas e stola. Um véu retangular sempre tinha que cobrir as cabeças das mulheres.

Gótico

O estilo gótico abrangeu o século XII ao século XV, sendo o período do século XIII ao XV também conhecido como pré-renascimento. No século XII, entre os anos 1150 e 1500, tem início uma economia fundamentada no comércio. Isso faz com que o centro da vida social se desloque do campo para a cidade e apareça a burguesia urbana.

A arquitetura expressa a grandiosidade, a crença na existência de um Deus que vive num plano superior; tudo se volta para o alto, projetando-se na direção do céu, como se vê nas pontas agulhadas das torres de algumas igrejas góticas. A rosácea e os vitrais coloridíssimos que filtram a



Fachada Catedral de Burgos, Burgos



Iluminura

luminosidade para o interior da igreja são elementos arquitetônicos muito característicos do estilo gótico e estão presente em quase todas as igrejas construídas entre os séculos XII e XIV. As catedrais góticas mais conhecidas são: Catedral de Notre Dame de Paris e a Catedral de Notre Dame de Chartres. Imagem Igreja gótica (Catedral de Notre Dame de Paris e a Catedral de Notre Dame de Chartres)

Outro traço característico deste período é a iluminura. A iluminura é a ilustração sobre o pergaminho de livros manuscritos. O desenvolvimento de tal gênero está ligado à difusão

dos livros ilustrados, patrimônio quase exclusivo dos mosteiros: no clima de fervor cultural que caracteriza a arte gótica, os manuscritos também eram encomendados por particulares, aristocratas e burgueses.

A pintura gótica desenvolveu-se nos séculos XII, XIV e no início do século XV, quando começou a ganhar novas características que prenunciavam o Renascimento. Sua principal particularidade foi a procura do realismo na representação dos seres que compunham as obras pintadas, quase sempre tratando de temas religiosos, apresentava personagens de corpos pouco volumosos, cobertos por muita roupa, com o olhar voltado para cima, em direção ao plano celeste.

Os principais artistas na pintura gótica são os verdadeiros precursores da pintura do Renascimento: Giotto com obras destacadas: Afrescos da Igreja de São Francisco de Assis (Itália)



Obra de Jan van Eyck, 1434



Obra datada de 1449

e Retiro de São Joaquim entre os Pastores; e Jan Van Eyck com obras destacadas: O Casal Arnolfini e Nossa Senhora do Chanceler Rolin.

O traje masculino característico deste período era a HOUPPELANDE, conhecida mais tarde como BECA, ajustava-se aos ombros e era solta, com um cinto na cintura e com comprimento variável, as

golas eram altas e as mangas compridas e amplas, eles também usavam chapéus ou toucas.

As mulheres usavam basicamente um vestido, justo até a cintura e se abrindo em saia ampla até o chão, as mangas eram longas e justas, chegando até o meio da mão, eram usados também, chapéus em forma de cone ou chifres, afunilados no topo, onde caía um véu. Neste período as formas do vestuário feminino eram alongadas e finas, o que dava a sensação de altura superior. Os sapatos eram de bicos finos e longos, adornados com pedras preciosas. Naquele período não eram utilizados muitos adornos, só peças discretas, basicamente de pérolas.

IDADE MODERNA

Nos séculos XV e XVI, inicia-se a Idade Moderna, modificando o entendimento que o homem tinha dele e do mundo. Surge a racionalização. Há uma transformação do ponto de vista político e da compreensão da economia e das suas bases produtivas.

A moda nasce junto com o Renascimento, nos séculos XV e XVI. Nessa fase, juntamente com o surgimento da primeira burguesia, houve uma grande melhoria na qualidade da matéria-prima. Aplicações, bordados e peles passaram a espelhar uma sociedade rica, em contraste com os povos medievais, muito ligados à forma bárbara de se viver. A altura da indumentária sobe e fica marcada logo abaixo do busto, alongando a silhueta. As formas, de modo geral, vão ficando arredondadas, perdem a verticalidade gótica, expandindo-se lateralmente, buscando horizontalidade.

No século XVII, a cultura fica mais controlada pelo Estado, sendo impossível produzir algo fora das normas oficiais. Nos países católicos, a elite resumia-se aos membros da nobreza e da Igreja. Nos países protestantes, entretanto, era formada a burguesia. É a partir desse século que a França começa a colocar-se como grande produtora de moda. Surgem as primeiras publicações especializadas no assunto. Nesse período, 20% da produção francesa era de materiais para o vestuário. A elite usava roupas muito elaboradas e cheias de camadas, enquanto as classes mais populares se vestiam copiando, de forma grosseira, as roupas dos nobres.

No reinado de Luís XIV, a França chega ao seu apogeu. Mas o que se assiste, logo em seguida, é a decadência da nobreza francesa devido a política centralizadora do rei. As mudanças e inovações dessa época eram totalmente determinadas pela casa real. Há uma valorização das formas femininas que ressalta os quadris e acentua a cintura.

As formas masculinas tornam-se mais femininas. No modelo francês de vestuário, a cor e os efeitos decorativos eram predominantes. Cada fase do desenvolvimento de uma pessoa era mostrada pelo tipo de roupa que usava: na infância vestia-se de um jeito; na maturidade, de outro; e na velhice, de outro. Essas diferenças eram sempre muito distintas, justamente, para marcar as etapas da vida. O mesmo ocorria em relação às profissões, identificadas por “uniformes”, que eram usados no dia-a-dia de acordo com a ocupação.

O período Rococó tratou a realidade de forma fantasiosa. Foi uma cultura lúdica. Houve mudanças drásticas no vestuário feminino nessa época, enquanto no masculino se alteram apenas detalhes. Esse período foi marcado por três estilos: Regência, Luís XV e Luís XVI. Como estilo da Regência, a roupa torna-se mais confortável e leve, se comparada à de períodos anteriores. O estilo Luís XV muda principalmente os penteados. O de Luís XVI, por sua vez, corresponde ao momento de transição do Rococó para o Neoclássico. A roupa é simplificada, perdendo em volume e decoração, facto influenciado pela Revolução Francesa. As cores passam a ser as da bandeira.

Renascimento

Coube ao Renascimento, com sua revalorização do estilo clássico greco-romano, terminar por sepultar o Gótico de uma vez por todas. Este período foi caracterizado por um renovado interesse pelo passado greco-romano clássico, especialmente pela sua arte. Começou na Itália, e difundiu-se por toda a Europa, durante os séculos XV e XVI.

A fragmentada sociedade feudal da Idade Média transformou-se em uma sociedade dominada, progressivamente, por instituições políticas centralizadas, com uma economia urbana e mercantil, em que floresceu o mecenato da educação, das artes e da música. O Renascimento italiano foi, sobretudo, um fenómeno urbano, produto das cidades que floresceram no centro e no norte da Itália, como Florença, Ferrara, Milão

e Veneza, resultado de um período de grande expansão econômica e demográfica dos séculos XII e XIII.



Monalisa de Da Vinci

A ideia renascentista do humanismo pressupunha uma ruptura cultural com a tradição medieval. Ou seja, a partir do Renascimento, o ser humano passou a ser o grande foco das preocupações da vida e do imaginário dos artistas. O retrato, por exemplo, tornou-se um dos gêneros mais populares da pintura, utilizado, na ausência da fotografia,

para o registro de pessoas e famílias nobres e burguesas. O estudo da literatura antiga, da história e da filosofia moral tinha por objetivo criar seres humanos livres e civilizados, pessoas de requinte e julgamento, cidadãos, mais que apenas sacerdotes e monges. Os ideais renascentistas de harmonia e proporção conheceram o apogeu nas obras de Rafael, Leonardo da Vinci e Michelangelo, durante o século XVI.



A Criação de Michelangelo

Características gerais: Racionalidade; Dignidade do Ser Humano; Rigor Científico; Ideal Humanista; Reutilização das artes greco-romana.



Francisco I da França. Início do século XVI

As roupas masculinas eram mais extravagantes do que a feminina, os sapatos passaram a ser arredondado, e os chapéus eram enfeitados com penas ou pedras preciosas, as mangas dos GIBÕES, ou BECAS, eram bufantes e curtas, os recortes do tecido



Obra de 1525

eram evidenciados pelas cores diferentes e abundantes. As saias femininas eram amplas e ricamente bordadas, as mangas tornaram-se amplas e às vezes com aplicações de peles, a cintura era apertada, com uma espécie de corpete com um decote em forma quadrada. Tanto homens quanto mulheres, usavam longos colares de ouro e pedras preciosas. A riqueza de cores e tecidos marcou o renascimento, como uma moda bastante rica e de grandes proporções.

Durante o período Elizabetano, as cores diminuíram, tornando o vestuário mais austero, as formas do traje masculino diminuíram. As saias femininas passaram a ser extremamente armadas, geralmente com arcos de arame, a parte superior do vestuário era um espartilho afunilado e alongado na parte da frente, as mangas eram bufantes e de grandes proporções, o decote sumiu, dando lugar a um vestuário mais fechado. Os penteados femininos eram bastante elaborados, era usado um adorno na cabeça, que escondia a parte de trás dos cabelos, que eram trançados, mas a parte da frente era visível. Durante seu reinado, a rainha Elizabeth lançou a moda dos cabelos tingidos de vermelho. Roupas austeras, período Elizabetano

A peça mais característica desse período foi o RUFO, uma espécie de gola armada de renda, arredondada, que fazia uma volta por todo o pescoço, geralmente possuía várias camadas, era usada pelas mulheres, embora homens de alta magistratura também as usassem. Mais tarde essas golas foram diminuindo dando origem às golas caídas de tecido liso com pouca renda, geralmente brancas.

Barroco

Barroco, uma palavra portuguesa que significava “pérola irregular, com altibaixos”, passou bem mais tarde a ser utilizada como termo desfavorável para designar certas tendências da arte seiscentista. Hoje, entende-se por estilo barroco uma orientação artística que surgiu em Roma na virada para o século XVII, constituindo até certo ponto uma reação ao artificialismo maneirista do século anterior. O novo estilo estava comprometido com

a emoção genuína e, ao mesmo tempo, com a ornamentação vivaz.



Margarita Aldobrandini, 1610

O drama humano tornou-se elemento básico na pintura barroca e era em geral encenado com gestos teatrais muitíssimo expressivos, sendo iluminado por um extraordinário claro-escuro e caracterizado por fortes combinações cromáticas.

As vestimentas deste período eram bastante ricas em adornos e bordados, o uso da peruca cacheada e comprida por parte dos homens, é um bom exemplo desta época. As roupas masculinas são adornadas com fitas, laços e rendas. O traje masculino era basicamente composto de um casaco ajustado na cintura, que abria até a altura dos joelhos, as mangas eram ricamente adornadas na altura do punho, geralmente com muitas rendas, os sapatos possuíam fivelas de ouro, e o RUFO se transforma até virar uma gola caída. Em 1680, a moda masculina perde excesso (colete, cullote justo, casaca, gravata de renda, meias de seda branca). Nas cabeças eram usadas longas perucas encaracoladas e chapéus de abas largas e copa baixa com pluma – início do século. As cores mais usadas eram: vermelho escarlata, vermelho cereja, azul escuro, amarelo pálido, rosa e azul céu. É a época dos três mosqueteiros. Imagem masculina rufo virando gola caída, imagem 3 mosqueteiros



Walter Raleigh e seu filho,
1602

O traje feminino apresentava um vestido constituído de três saias, camisa bordada com punhos rendados, corpete com decotes baixos. Usavam leques, lenços rendados, pérolas, cintos de ouro, sapatos revestidos com tecidos do vestido. Para disfarçar o odor ruim, usavam saquinho de essência no decote. O que mais destacou-se, foi o uso de extravagantes perucas e penteados à la Fontange, que possuíam altura elevada e exagero de enfeites, dificultando até a locomoção das damas. Claro que estas características eram das classes mais privilegiadas, as trabalhadoras de classe médias usavam toucas na cabeça e vestidos menos armados, e com cores neutras, como o bege.

Rococó

O estilo rococó desenvolveu-se como sucessor do barroco numa ampla gama de manifestações artísticas, entre as quais se incluíam a arquitetura, a música e a literatura, assim como a pintura. Desenvolveu-se no sul da Alemanha e Áustria e principalmente na França, a partir de 1715, após a morte de Luís XIV. Também conhecido como “estilo regência”, reflete o comportamento da elite francesa de Paris e Versailles, empenhada em traduzir a agradabilidade da vida. O nome vem do francês *rocaille* (concha), um dos elementos decorativos mais característicos desse estilo, não somente da arquitetura, mas também de toda manifestação ornamental e de adereços. Originando-se em Paris no início do século XVIII, o estilo conheceu grande desenvolvimento entre 1715 e 1730, durante a regência de Filipe de Orléans e não demorou a difundir-se para o resto da Europa.

As cores são claras, substituindo as cores fortes do barroco, as texturas da seda, o veludo e os brocados dão elegância às roupas, tanto nas femininas como nas masculinas, os tons pastéis predominam, inclusive em aplicações nas perucas brancas. Enfim uma época de festas e inspirações teatrais.

Existe uma alegria na decoração carregada, na teatralidade, na refinada artificialidade dos detalhes, mas sem a dramaticidade pesada nem a religiosidade do barroco. Tenta-se, pelo exagero, se comemorar a alegria de viver, um espírito que se reflete inclusive nas obras sacras, em que o amor de Deus pelo homem assume agora a forma de uma infinidade de anjinhos rechonchudos. Tudo é mais leve, como a despreocupada vida nas grandes cortes de Paris ou Viena.

A arquitetura rococó é marcada pela sensibilidade, percebida na distribuição dos ambientes interiores, destinados a valorizar um modo de vida individual e caprichoso. Essa manifestação adquiriu importância principalmente no sul da Alemanha e na França. Suas principais características são uma exagerada tendência para a decoração carregada, tanto nas fachadas quanto nos interiores. As cúpulas das igrejas, menores que as das barrocas, multiplicam-se. As paredes ficam mais claras, com tons pastel e o branco. Guarnições douradas de ramos e flores, povoadas de anjinhos, contornam janelas ovais, servindo para quebrar a rigidez das paredes.



Igreja Rococó na Bavária

Deve-se destacar também que é nessa época que surge com um vigor inusitado a indústria da escultura de porcelana na Europa, material trazido do Extremo Oriente, na esteira do exotismo tão em voga nessa época. Esse delicado material era ideal para a época, e imediatamente surgiram oficinas magistrais nessa técnica, em cidades da Itália, França, Dinamarca e Alemanha.

O homem do rococó é um cortesão, amante da boa vida e da natureza. Vive na pompa do palácio, passa o dia em seus jardins e se faz retratar tanto luxuosamente trajado nos salões de espelhos e mármore quanto em meio a primorosas paisagens.

bucólicas, vestido de pastorzinho.

As cores preferidas são as claras. Desaparecem os intensos vermelhos e turquesa do barroco, e a tela se enche de azuis, amarelos pálidos, verdes e rosa. As pinceladas são rápidas e suaves, movediças. A elegância se sobrepõe ao realismo. As texturas se aperfeiçoam, bem como os brilhos. Existe uma obsessão muito particular pelas sedas e rendas que envolvem as figuras.

No masculino o volume das perucas diminui; elas agora são empoadas, longas, penteadas para trás, presas (rabo de cavalo ou tranças).

Ocorre a eliminação das abas frontais do casaco e são usados os fraques: casaco desprovido de abas dianteiras. O colete, peça de luxo, se vê diminuído e transformado no GILET sem mangas. São usados chapéus Tricórnio, um chapéu de três pontas (levado na mão ou no braço). São usadas bengala e espada. Surgem pequenas bolsas no cintos; usa-se pintas artificiais.

As mulheres exageram nas alturas dos penteados e usam vestidos com anquinhos laterais (PANIER: enchimentos laterais no quadril). O espartilho usado era fechado nas costas e elas usavam leques em recintos fechados e sombrinhas para rua. Usavam o FICHU para cobrir o busto, que era um



Vestido Rococó (Panier)

tecido branco quadrado, dobrado em triângulo.

No começo do século vemos muitos enfeites, babados, laços, flores. Os calçados eram com saltos baixos e fivelas e as pregas WATEAU eram frequentes (pregas que prendiam desde os ombros até o chão, nas costas).

SEculo XIX

No século XIX, há a transição do mundo antigo para a modernidade. O Neoclássico resumiu-se ao estilo diretório – uma continuação do estilo revolucionário e inspirado no modelo da República Romana e do Império Napoleônico. O Neoclássico dá lugar ao Romântico que busca respostas tanto no passado quanto no futuro.

No Neo-Rococó, as formas do Rococó retornam adaptadas, principalmente para o guarda-roupa feminino. Esse período, de aproximadamente 25 anos, é marcado pela utilização da crinolina, a enorme armação de arame das saias. A silhueta de uma mulher da nobreza adota quase uma forma de meia esfera. Mais uma vez, a maneira de se vestir identifica a condição social que se tem, a começar pela grande quantidade de matéria-prima utilizada para confeccionar este tipo de roupa.

Por volta de 1850, a hegemonia do terno com gravata e uma sobriedade de cores passam a caracterizar a indumentária masculina. A fantasia e a decoração eram reservadas às roupas das mulheres, que não trabalhavam. Nesse momento nota-se o trabalho influenciando o vestuário. Quem trabalhava, o homem, precisava de roupas confortáveis. A mulher, por sua vez, exibia o poder econômico do homem: ela “veste” o que o dinheiro do seu marido pode comprar.

Dandismo e Império

Período ligado à Revolução Francesa, a roupa se torna mais prática e confortável depois da revolução em 1789. Depois do terceiro estado abolir a distinção das classes, a aristocracia abandonou todos os ornamentos, armações jóias, se vestindo da maneira mais simples possível. A influência era Inglesa e vinha diretamente do campo, da natureza. Sem bordados excessivos, tecidos suntuosos, corpetes e peruca, os cabelos

eram curtos e naturais . A regra era abaixo o supérfluo e as inspirações eram gregas .

O traje masculino era no estilo Dandi, composto por calça comprida, casaco, cartola, colarinho firme firmados por PLASTRON ou bengala. Feito de casimira, a roupa ajustava-se ao corpo, sem rugas, com corte perfeito.



Homem dandi e mulher trajando vestido império

Já o feminino o traço mais marcante era o recorte logo abaixo do busto. Usavam turbante sobre cabelos curtos . As cores eram: azul, Cinza e branco.

Vestido tipo camisola com decotes quadrados ou V, deixando o colo em evidência. Usavam turbantes, chapéus boneca e xale .

Romantismo

O romantismo foi um movimento artístico ocorrido na Europa por volta de 1800, que representa as mudanças no plano individual, destacando a personalidade, sensibilidade, emoção e os valores interiores. Atingiu primeiro a literatura e a filosofia, para depois se expressar através das artes plásticas. A literatura romântica, abarcando a épica e a lírica, do teatro ao romance, foi um movimento de vanguarda e que teve grande repercussão na formação da sociedade da época, ao contrário das artes plásticas, que desempenharam um papel menos vanguardista.

A arte romântica se opôs ao racionalismo da época da Revolução Francesa e de seus ideais, propondo a elevação dos sentimentos acima do pensamento.

A produção artística romântica reforçou o individualismo na medida em que baseou-se em valores emocionais subjetivos em muitas vezes imaginários, tomando como modelo os dramas amorosos e as lendas heróicas medievais, a partir dos quais revalorizou os conceitos de pátria e república. Papel especial desempenharam a morte heróica na guerra e o suicídio por amor.

A pintura foi o ramo das artes plásticas mais significativo, foi ela o veículo que consolidaria definitivamente o ideal de uma época, utilizando-se de temas dramático-sentimentais inspirados pela literatura e pela História. Procura-se no conteúdo, mais do que os valores de arte, os efeitos emotivos, destacando principalmente a pintura histórica e em menos grau a pintura sagrada.

A arquitetura do romantismo foi marcada por elementos contraditórios, fazendo dessa forma de expressão algo menos expressivo. O final do século XVIII e início do XIX forma marcados por um conjunto de transformações, envolvendo



Homens trajando veste romântica

a industrialização, valorizando e rearranjando a vida urbana. A arquitetura da época reflete essas mudanças; novos materiais foram utilizados como o ferro e depois o aço. Ao mesmo tempo, as igrejas e os castelos fora dos limites urbanos, conservaram algumas características de outros períodos, como o gótico e o

clássico. Esse reaparecimento de estilos mais antigos teve relação com a recuperação da identidade nacional. A urbanização na Europa determinou a construção de edifícios públicos e de edifícios de aluguel para a média e alta burguesia, sem exigências estéticas, preocupadas apenas com o maior rendimento da exploração, e portanto esqueceu-se do fim último da arquitetura, abandonando as classes menos favorecidas em bairros cujas condições eram calamitosas.

Entre os arquitetos mais reconhecidos desse período, deve-se mencionar Garnier, responsável pelo teatro da Ópera de Paris; Barry e Pugin, que reconstruíram o Parlamento de Londres; e Waesemann, na Alemanha, responsável pelo distrito neogótico de Berlim. Este último, em alguns

casos, revelou mais mau gosto do que arte.



Mulheres trajando vestido romântico

No traje feminino as cinturas eram marcadas, uso do espartilho, mangas fofas (pernil de carneiro) e saias volumosas. Os chapéus possuíam arranjos grandiosos com flores. Os vestidos apresentavam barrados e os cabelos eram usados com cachos e chinó. Usavam guarda sol, jóias relíquias, cruz, camafeu, broches. 1840/50: as jaquetas curtas acinturadas, separadas das saias com muitas anáguas; usavam anquinha e crinolina e xale grande com franjas.

Vitoriano

Este período está ligado ao reinado da rainha Vitória (1837-1901, apesar do período terminar em 1890). É a moda repleta de volumes, forma balão, mangas fofas, muitos babados, rendas e gola alta. Além, é claro, das tonalidades escuras e a clássica sobriedade do preto.

O início do período vitoriano (1837-1860) é marcado pelo extremo recato das mulheres, que tinham seus movimentos restritos pelas pesadas vestes, mangas coladas e crinolina. A aparência das damas era de vulnerabilidade, as roupas eram desenhadas para fazerem as mulheres parecerem fracas e impotentes, como de fato elas eram. As cores eram claras. O espartilho, que fazia mal à coluna e deformava, inclusive os órgãos internos, debilitava ainda mais, impedindo as mulheres de respirar profundamente. Além de

tido como elegante, o espartilho era considerado uma necessidade médica à constituição feminina, usado, inclusive, em versões juvenis a partir dos três ou quatro anos.

O ideal de beleza do início da era vitoriana exigia às mulheres uma constituição pequena e esguia, olhos grandes e escuros, boca pequenina, ombros caídos e cabelos cacheados. A mulher deveria ser algo entre as crianças e os anjos: frágeis, tímidas, inocentes e sensíveis. A fraqueza e a inanidade eram consideradas qualidades desejáveis em uma mulher, era elegante ser pálida e desmaiar facilmente. “Saúde de ferro” e vigor eram características “vulgares das classes baixas”, reservadas às criadas e operárias.



Casal com traje vitoriano

O reinado da rainha Vitória é marcado pela instalação moral e puritanismo, ela era uma figura solene. Em 1840 ela casa-se com Albert, e este torna-se o Príncipe Consorte. Esta época é tida como o apogeu das atitudes vitorianas, período pudico com um código moral estrito. Isto dura, aproximadamente, até 1890, quando o espirituoso estilo de vida “festeiro e expansivo” do príncipe de Gales, Edward, ecoava na sociedade da época. Em 1861 morre o príncipe Albert e ela mergulha em profunda tristeza, não tirando o luto até o fim de sua vida (1902). A morte do príncipe Albert marca o início da segunda fase da era vitoriana. As roupas e as mulheres começam a mudar, os decotes sobem e as cores escurecem. A moda vitoriana do luto extremo e elaborado vestiu de preto britânicos e americanos por bastante tempo e contribuiu para tornar esta cor mais aceita e digna para as mulheres. Mesmo as crianças usavam o preto por um ano após a morte de um parente próximo. Uma viúva mantinha o luto por dois anos,

podendo optar – como a rainha Vitória – por usá-lo permanentemente.

Na primeira metade da década de 1850, surge Worth, um costureiro inglês que passou a ditar moda em Paris. Agora as mulheres iam até ele. Foi uma revolução e muitos estudiosos consideram esse o ponto do surgimento da Alta Costura. Worth “cria o primeiro conceito de griffe” (EMBACHER, 1999:41).

A transição do Século XIX para o Século XX – Belle Époque e os anos 10

No final da era Vitoriana as saias já não são enormes, tornando-se mais justas. Em 1901 Eduardo VII se torna rei e já estamos na Belle Époque (1890 – 1914, período entre o fim do século XIX e a Primeira Guerra Mundial). A mais convencional mulher eduardiana já não era tão

infantil e frágil. Nas décadas finais do século XIX, a mulher ideal se tornava cada vez mais madura e no início do século XX isto se acentua, com ela mais fria e dominadora.

No vestuário, o começo do século XX se destacou pelo “frou-frou eduardiano”. A ostentação estava em voga e a moda deste período é marcado pelo luxo e beleza das roupas, penas, rendas, perolas (verdadeiras ou não), babados, plissados, lantejoulas, eram inseridos no traje em efusão. Grandes chapéus muito bem e divertidamente ornados, muitas plumas e bordados. O rei é conhecido por seus apetites, amantes, extravagâncias e excessos, o oposto do recato e moralidade de sua mãe. O busto era destacado, com espartilhos “mais saudáveis”, que tornavam o corpo ereto na frente, mas jogava os quadris para trás, uma postura em forma de “S”. A saia era lisa sobre os quadris e se abria em rendas em direção ao chão, em forma de sino. A noite os decotes eram extravagantes, mas durante o dia os vestidos eram totalmente fechados até o pescoço. Os cabelos eram usados presos, no alto da cabeça, e o chapéu era usado para projetá-lo para frente, para amenizar o efeito das famosas “anquinhas”

(c) www.marquise.de



Mulheres com traje da Belle Époque

da parte de trás do vestido. os tons claros eram os mais usados. A Maison Worth em Paris era a mais prestigiada nesta época e seu estilo, extravagante e vistoso, impunha moda.

O traje masculino era composto de sobrecasaca e cartola, mas o terno era facilmente visto. As calças masculinas eram retas e com vinco na frente, os cabelos eram curtos e o uso do bigode era bastante popular na época.

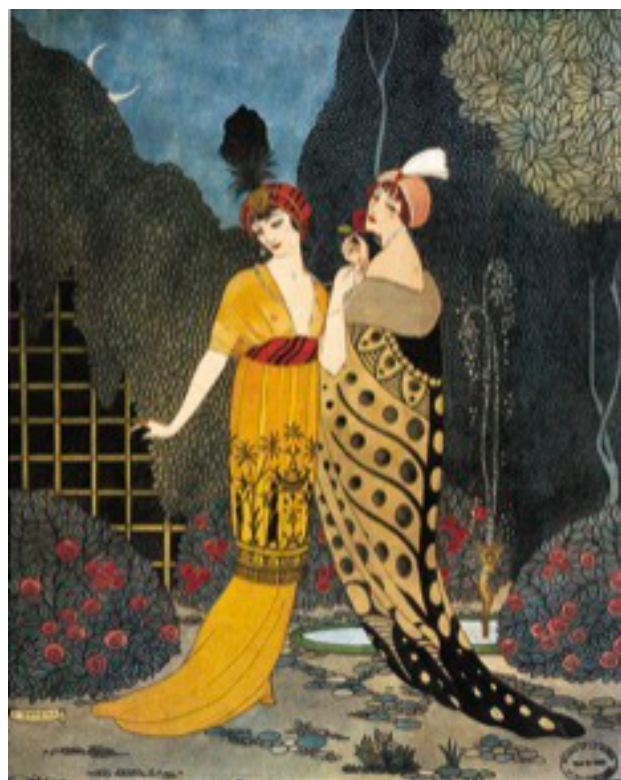
A cena cultural estava em efervescência: cabarés, o cancan e o cinema haviam nascido e a arte tomava novas formas com o Impressionismo e a Art Nouveau. Neste cenário, dois campos estilísticos começam a inspirar os artistas e designers. Estes campos não eram antagônicos pois, na maioria das vezes, eram simultaneamente utilizados em uma criação com fonte de inspiração. De um lado o movimento impulsionado pela 2ª onda da Revolução Industrial, buscando sempre formas orgânicas e suntuosas por meio dos novos materiais e técnicas disponíveis. De outro lado, uma corrente inspirada nas impressões de pinturas Japonesas, que neste momento chegavam pela primeira vez a portos franceses, e na influência do mundo oriental, o qual recentemente havia chamado atenção dos homens de negócios europeus. O oriente passou a chamar a atenção dos europeus.

Da junção destes ramos diferentes floresceram vários movimentos, como o Art Nouveau e o Impressionismo, cada um tendendo mais para um dos lados. Grandes artistas, como Mucha e Toulouse-Latrec, Klimt, etc. mesclavam em suas criações a modernidade e orientalismo, fosse por meio das tintas ou por meio das vestes.

Este ambiente tornou propício a ascensão do filho de um simples fabricante de guarda-chuvas chamado Paul Poiret. Abrindo sua própria Maison em 1903, Poiret projetou seu nome com um modelo de casaco-kimono muito controverso, mas em 1909 ele já havia conseguido tamanha fama que foi convidado a realizar um desfile na 10 Downing Street, casa dos primeiros ministros britânicos há séculos. Iniciou-se a onda oriental na moda, com cores fortes, drapeados suaves, saias afuniladas e muitos botões, sendo os enfeites favoritos da época.

Poiret também investiu no que, na época, era pouco usual, mas que hoje tornou-se um padrão entre as grandes marcas; a expansão vertical da linha de produto. Em sua Maison era possível

encontrar, além de suas roupas, móveis, artigos para decoração e perfumes. Talvez um dos fatos mais associados a Poiret seja o de libertar as mulheres dos espartilhos. Negando mais de um século de silhuetas em forma de ampulheta e espartilhos apertados, Poiret pregava uma forma mais solta e fluída para o vestuário, mas muitas de suas clientes, ainda sim, não abandonaram o espartilho. Mas certamente, uma de suas maiores inovações no mundo da moda foi seu desenvolvimento da técnica de moulage ou draping, uma radical inovação em um mundo dominado pelo método de modelagem da alfaiataria. Esta técnica permitiu a Poiret criar suas peças com formas retas e alongadas, mas ainda sim fluídas.



Criação de Poiret

Outras de suas mais famosas criações são as calças sherazade, meias-fina cor-de-carne, a saia hobble (era, geralmente utilizada por baixo de outra saia, tinha o formato muito próximo às pernas e era muito apertada, permitindo apenas paços pequenos), túnicas-abajur e até o soutien. Lembrando-se sempre que elas estavam preenchidas por cores vibrantes, um grande diferencial em relação ao lugar-comum da época. A assinatura de Poiret era a rosa, a qual aparecia periodicamente em suas roupas.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Poiret teve de

deixar a Maison a fim de ajudar na produção de uniformes. Quando, enfim, retornou, em 1919, a Maison estava às vascas da falência. Um estilo mais simples era a moda vigente e designers como Coco Chanel estavam fazendo um enorme sucesso com roupas minimalistas e extremamente bem acabadas enquanto as produções elaboradas de Poiret pareciam tortas e mal acabadas. Embora o design de Poiret era estonteante, a construção deixava a desejar. Assim, ele ficou fora de moda, endividado e sem suporte de seus sócios, o que o obrigou a deixar sua Maison. Quando esta faliu, em 1929, as roupas restantes foram vendidas por quilo como retalhos. Quando morreu, em 1944, Poiret estava esquecido.

SÉCULO XX

Década de 20

Esta foi uma década de prosperidade, de melindrosas e das Jazz-bands. Com o fim das restrições impostas pela guerra finalmente a moda volta a florescer. Depois da experiência da Primeira Guerra Mundial, era praticamente impossível retomar os antigos hábitos, ocorreram demasiadas mudanças em termos econômicos, sociais e psicológicos. Livre dos espartilhos, usados até o final do século 19, a mulher começava a ter mais liberdade e já se permitia mostrar as pernas, o colo. O uso da maquiagem destacou-se, pois deixava os traços dos rostos bem marcados. A boca era pintada em forma de coração, os olhos eram destacados, as sobrancelhas tiradas e delineadas a lápis; a pele era branca, o que acentuava os tons escuros da maquiagem. As características da arquitetura, design e pintura da época, com suas linhas puras e o sentido do funcional encontravam-se igualmente na moda. Assim, a moda dá um passo decisivo em direção à modernidade.

Teve grande influência o movimento da Bauhaus na moda, fazendo que nos anos 20, a moda modificasse decisivamente todos os estilos anteriores. Agora a moda era caracterizada por suas linhas claras e direitas, estruturas visíveis e funcionalidade, associadas a um valor estético próprio. A roupa feminina passou a ser mais leves, com vestidos mais curtos, alguns deixavam parte das pernas de fora, eram de seda, deixando braços e costas à mostra. Nessa época, o busto deixa de



Mulheres da década de 20

se destacar, os seios apertados pelos “corseletes alisadores” e a cintura desaparecem, transferindo a atenção para os quadris, o novo ideal agora é o andrógino. As moças assumem aparência de rapazes e as curvas são abandonadas. O corte de cabelo é curto para equilibrar pequenos chapéus. Para o dia usava-se uma produção discreta, mas à noite vestidos longos recebiam peles, plumas, bordados, flores e lantejoulas, em vestidos de linha tubular.

Foi a década da estilista Coco Chanel, traduzindo o traje masculino para o feminino com muito sucesso, sem que se perdesse a feminilidade. Cria trajes tricotados e o tão aclamado “pretinho básico”. Vem com sua nova moda de blazers, capas, cardigans, cortes retos, colares compridos, boinas e cabelos curtos. Em 1925 surgiu a saia curta, que horrorizou os conservadores. A revolução das saias curtas: estava sujeito a multas e prisão quem andasse nas ruas com 8cm acima do tornozelo. Outro nome importante foi o de Jean Patou, estilista francês, que criou a moda sportswear. chanel e jean Patou

A década termina com uma crise gerada pela queda da bolsa de valores de Nova Iorque, quando muitas falências e desemprego passaram a ser os destaques.

Década de 30

Com a crise financeira, com a quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, as diferenças sociais começam a atenuar as criações das grandes

casas de costura parisienses. Com a chegada da roupa pronta e dos tecidos sintéticos, as roupas diminuem de preço. Diferentemente dos anos 20, que havia destruído as formas femininas, os anos 30 redescobriram as formas do corpo da mulher através de uma elegância refinada, sem grandes ousadias: a cintura volta para o lugar e as saias alongam, tocando o tornozelo, os vestidos eram justos e retos, acompanhados de boleros, casacos de pele ou capas. As mulheres deixam crescer o cabelo, começam a usar mangas largas e delineiam o corpo, com saias apertadas nos quadris. Mas a grande vedete desta década foram as enormes aberturas nas costas, que chegavam até a cintura.



Ideal de beleza da década de 30

Nos anos 30 existiam muitas criadoras de moda que em nada ficavam a dever aos seus colegas do sexo masculino, uma tendência que já se observara nos anos 20. Sabiam reconhecer os sinais do tempo e tinham jeito para o negócio, criando estilos que estavam em plena consonância com esses sinais. Alix Grès e Madeleine Vionnet

traduzem muito bem o novo sentido do corpo feminino. eram especialistas em sugerir os prazeres do toque em vestidos esculturais, muitas vezes cortados em viés.



Mulheres dos anos 30

Em 1935, um dos principais criadores de sapatos, o italiano Salvatore Ferragamo, lançou sua marca, que se viria a transformar num dos impérios de luxo italiano. Com a crise na Europa, Ferragamo começou a usar materiais mais baratos, como

o cânhamo, a palha e os primeiros materiais sintéticos. Sua principal invenção foi a palmilha compensada.

Destaque também para a grande estilista francesa Elsa Schiaparelli. O Surrealismo de Schiaparelli chocou, em seu trabalho com forte associação entre moda e arte. Ela teve seu brilho,

se destacando como alguém que se preocupou em enfatizar a aparição, não o organismo. Fez diversas parcerias com artistas da época, dentre eles Salvador Dali. Lança nessa época a cor “rosa shocking” e perfume de mesmo nome.

A moda dos anos 30 descobriu a vida ao ar livre, os banhos de sol, o ciclismo. Outros esportes também se popularizaram e os shorts tiveram adesão dos jovens. Os trajes de banho tornaram-se populares e surge o maiô, e um acessório que é usado até os dias de hoje: os óculos escuros. Este último também se difundiu sendo usado por estrelas Hollywood. O cinema, inclusive, foi um dos grandes difusores de moda da década e a maneira de vestir das mulheres foi influenciada pelas atrizes de Hollywood, que lançou suas estrelas de cinema, como Greta Garbo, como ideais de beleza.

Por volta de finais dos anos 30, a linha dominante, de características marcadamente ornamentais, tinha-se já simplificado significativamente. Desenvolveu-se uma linha mais angular, que iria marcar os anos da guerra. A Alta-costura tinha estagnado. Muitos estilistas fecharam suas “maisons” ou se mudaram de França para outros países. A guerra viria transformar a forma de vestir e o comportamento de uma época.

Década de 40

Esta década ficou marcada pelo início da Segunda Guerra Mundial, em decorrência disso a silhueta feminina era de estilo militar, com roupas e sapatos sérios e pesados. A escassez de tecidos fez com que fossem utilizados materiais sintéticos com mais frequência, como o raiom e a viscose e o uso crescente do nylon.

As saias ajustaram e voltam a encurtar, adequando-se às restrições impostas pela guerra. A moda agora era calças compridas de corte masculino, pois eram práticas e populares, lenços na cabeça, chapéus frívolos adornados com flores e véus. Na falta de matéria-prima, causada pela guerra, as mulheres adotam toques alegres e criativos no vestuário. Turbantes para substituir os chapéus; bijuterias para repor as jóias; plataformas para não gastar o material do sapato. O tweed foi uma peça muito usada, com saias mais curtas e com finas pregas; as meias soquetes substituíram as meias de finas e os cabelos passaram a ser preso com grampos, devido à escassez de cabeleireiros.

Os Estados Unidos investem em uma moda para mercado de massa, diferente da Europa. Não ao europeu vira moda e se tem o surgimento do Prêt-à-Porter.

A alegria invadiu as ruas com a libertação de Paris, em 1944, assim como os ritmos do jazz e as meias

de nylon americanas, trazidas pelos soldados, que em troca levaram para suas mulheres o perfume Chanel nº 5.



Roupa usada durante a guerra

Com a intenção de angariar fundos e confirmar a força e o talento da costura parisiense, em 1945 foi criada uma exposição de moda. Como não havia material suficiente para a produção de modelos luxuosos, a solução foi vestir pequenas bonecas, moldadas com fio de ferro e cabeças de gesso, com trajes criados por todos os grandes nomes da alta-costura francesa.



New Look

Em 1947, então, acontece algo de inesperado, surge o “New Look” de Dior com cinturas apertadas e saias amplas e chapéus grandes. Christian Dior, um jovem estilista, revoluciona a moda na Europa. Era uma moda feminina, que acentuava todas as curvas do corpo das mulheres, além de ser suntuosa e luxuosa. O sucesso foi imediato. As criações de Dior foram copiadas em

todo o mundo. Estas novas linhas eram totalmente diferentes das linhas severas da moda do período anterior à guerra e durante os tempos de guerra. Era a visão da mulher extremamente feminina, que iria ser o padrão dos anos 50.

Década de 50

Esta foi a década do renascimento da feminilidade, lançada pelo New Look, de Christian Dior. O culto à beleza estava em alta, e foram usados muitos cosméticos, valorizando a beleza e ressaltando o luxo em peles, cashemire e jóias. Surgem as grandes empresas de cosméticos, como a Revlon, Helena Rubinstein e Estée Lauder. Os cabelos podiam ser penteados em forma de rabo de cavalo ou em coques, as franjas começaram a aparecer. A alta-costura vive seu apogeu, através de Balenciaga, Givenchy, Chanel, Nina Ricci e Dior. Os símbolos da beleza feminina eram Marilyn Monroe e Rita Hayworth. Surgem os grandes fotógrafos de moda, das revistas Vogue e Elle.



Mulher dos anos 50

Seguiram-se 10 anos de intensa atividade na moda após o New Look. A moda ressurgiu mais forte que nunca nas mãos e tesouras de Dior. As sobrancelhas arquearam e tornaram-se mais escuras. Os lábios se delinearam e a maquiagem tornou-se essencial. A atmosfera era

de sofisticação, a beleza tornou-se um tema de muita importância, o luxo nas estolas e joalharias elaboradas predominavam. Era grande a procura por roupas para jovens e a indústria de roupas prêt-à-porter fica cada vez mais forte.

Um fator determinante no mundo da moda e no mercado foi a cultura juvenil, que já não podia mais ser ignorada, pois foi ainda nos anos 50 que se começa a notar uma certa rebelião da juventude contra a geração mais velha, atarefada em reconstituir uma prosperidade perdida nos anos da guerra. O rock and roll e o seu ídolo, Elvis Presley, tornaram-se extremamente importantes para a juventude do mundo ocidental. A forma de dançar, provocante e sensual, de Elvis e o seu estilo de vestir entusiasmavam de sobremaneira a juventude, desencadeando uma verdadeira histeria de massas, sobretudo entre o público feminino.

O cinema também difundia a nova forma de estar na vida e a nova moda. James Dean e Marlon Brando, exprimem os sentimentos dos jovens, questionando os valores superficiais da classe média burguesa. Também eternizam o uso da camiseta branca com calça jeans e blusão de couro. Elvis Presley e James Dean, ídolos da juventude dos anos 50, são fenômenos característicos da tendência de prolongamento da adolescência, que teve o seu início justamente nessa década.

Marilyn Monroe e Brigitte Bardot foram os dois grandes símbolos de beleza da década de 50 que eram uma mistura dos dois estilos, a devastadora combinação de sensualidade e ingenuidade.

Tendo recuperado todo o seu prestígio, a alta-costura evolui graças aos jovens que entram nesse mercado: Pierre Cardin abre sua casa em 1953, Gabrielle Chanel volta com força total em 1954. Depois da morte de Dior, Yves Saint Laurent, na altura com 21 anos e novo diretor da famosa casa, foi um impulsionador revolucionário da moda.

Em 1959, a boneca Barbie foi desenvolvida e comercializada nos EUA, sendo pouco tempo depois exportada para a Europa. No final da década, nos Estados Unidos, surgiam as saias rodadas, calças cigarretes, sapatos baixos, com influência do sport wear. e o rock and roll.

Se popularizaram vestidos linha H (tubinho), linha Y (ombros mais largos) e linha A (trapézio), lançada em 1958 por YSL na Casa Dior, o oposto das linhas cintadas que se usavam até a data. A linha

trapézio iria ser exatamente importante para o desenvolvimento da moda nos anos 60. Xadrez e pois foram muito usados.

Década de 60

Os anos sessenta foram da cultura jovem, dos estilos variados, do rock and roll, dos movimentos pacifistas do final da década, contestando dentre outras coisas, a Guerra do Vietnã. Houve uma atmosfera de mudança no ar e grande velocidade nas transformações.

Ocorreu uma elevação do nível de vida francês, incentivando o consumo de supérfluos. Explosão da comunicação (imprensa, tv, propaganda) contribuindo para o incentivo ao aumento do consumo do vestuário. Surgimento das boutique oferecendo um prêt-à-porter de luxo.



Twiggy, ideal de beleza da década de 60

Crise na Alta Costura. Notadamente havia a necessidade de mudança e logo ocorreu a expansão de seu leque de produtos incluindo perfumes, cosméticos e acessórios – responsáveis



Criação de Paco Rabane

até hoje pelo, praticamente, sustento das grandes maisons. O nome do costureiro ganhou status de marca suscetível de ser concedida sob licença.

Crise na indústria do vestuário, fragilizando o setor. Contribuiu para isso, o aumento da concorrência com produtos importados de países com mão de obra mais barata; inúmeras pequenas empresas

declararam falência na França. De fato, durante os anos 60, a indústria têxtil passou da dispersão a uma situação próxima do oligopólio.

Os anos 60, acima de tudo, viveram uma explosão de juventude em todos os aspectos, a moda focaliza os jovens, ampliando a massa consumidora. As jovens correm nas lojas todo mês para actualizar o visual. Nesse cenário, a transformação da moda foi radical, com o fim da moda única, que passou a ter várias propostas e a forma de se vestir se tornava cada vez mais ligada ao comportamento.

Foram introduzidos novos elementos na moda, provenientes do Egito antigo, da art nouveau, das formas geométricas, do romantismo, enfim, uma mistura de estilos. A lingerie se moderniza, com o uso da calcinha e das meias calças, para dar maior conforto a mulher moderna e independente desses anos dourados. Uma das manias dessa época foi o vestido tubinho com botas de cano longo (brancas na maioria das vezes). Outra linha de estilo foi a criada por YSL, com roupas de estilo masculino, como o smoking, de 1966. E teve também a louca coleção metálica de Paco Rabane inspirada na era espacial, nesta década de chegada do homem à lua. Surge a minissaia, a vedete da década, criada por Mary Quant/Courreges (há controvérsias sobre esta autoria).

Tem início o movimento feminista, com a queima de sutiãs em praça pública. No Brasil, a onda da Jovem guarda influenciava todos os jovens, em sua maneira de ser e de vestir. A música dos Beatles, os quatro rapazes de Liverpool, também criou moda, principalmente para os jovens rapazes daquela época, quando todos queriam ter cabelos compridos, igual a John, Paul, George e Ringo.

As primeiras lojas de venda por catálogo especializadas em moda juvenil foram abertas. Os grandes armazéns abriram secções onde se vendia somente “moda jovem”. Começaram também a abrir as primeiras boutiques, que eram um novo conceito de loja, onde se vendia vestuário moderno e jovem. O fenômeno da moda de massas demonstra claramente que a imagem dos produtos de moda de origem francesa deixaram de ser os únicos a fazer ou a ditar a moda. Os jovens começaram a criar a sua própria moda, que serve agora de inspiração para as coleções de Alta-Costura ou de prêt-à-porter dos grandes costureiros.

Houve também o surgimento da Pop-arte, op-art, filmes e peças revolucionários. No domínio das artes predominavam as experiências novas, a ruptura com o que era considerado obsoleto e a procura do novo e espetacular. Também neste domínio, o conceito resumia-se a três termos: rápido, reproduzível e consumível.

O final da década de 60 representa uma época de muita incerteza, surgindo assim dois novos movimentos que afectaram a moda: a revitalização da volta à natureza e o impacto do movimento feminista. Yves Saint Laurent, Paco Rabanne, Courrèges, Pierre Cardin e a inglesa Mary Quant souberam tirar proveito da moda jovem.

Em 1969, um grande festival de música rock entra para a história, o Woodstock, que reuniu cerca de 500 mil pessoas em três dias que ficou caracterizado pelo amor, música, sexo e drogas.

Década de 70

O início da década de setenta, foi marcada pela busca por coisas mais simples, o uso de tecidos naturais, como o linho, a alimentação vegetariana, as cores mais sóbrias, etc. Já na metade desta década, surgiram vários movimentos que influenciaram a moda, como o punk, a new wave, a disco, este último muito importante na moda, pois com ele surgiu o Studio 54, grande danceteria de famosos, que lançava tendências. Foram anos de brilho, volumes, transparências, cores pretas, roupas rasgadas.

A moda dos anos 70 caracterizava-se por uma politização muito forte do público, impulsionando principalmente pelas camadas mais jovens. Esta fase foi também impulsionada de modo decisivo



Movimento hippie

pelo movimento feminista, a mulher lutava cada vez mais por seus direitos.

Nesta década, a moda colocava-se como meio democrático de expressar uma opinião. Registraram-se então desenvolvimentos interessantes no ramo da Alta-Costura. Aliás muitos dos grandes estilistas dos dias de hoje, como por exemplo Thierry Mugler, Kenzo, Issey Miyake, Vivienne Westwood e Ralph Lauren, começaram suas carreiras nessa altura. No entanto, foi sobretudo o movimento Hippie com o seu vestuário ecologicamente consciente e anti-conformista que marcou uma grande parte da moda. Algodões estampados com pequenas flores, anáguas com detalhes de renda, chapéus de palha adornados com flores, cabelos suavemente ondulados.

Os jovens vestiam jeans bordados de flores, pantalonas e saias longas e vaporosas até ao chão. Materiais mais sinuosos e suaves invadem o mercado, tecidos para todos os tipos de roupas realçando a silhueta natural. As mulheres assumem cargos anteriormente ocupados somente por homens, surgem as roupas formais com um deliberado corte masculino e visual unissex. Existe

uma preocupação com a saúde, as pessoas adoptam um estilo de vida mais simples, como comunidades agrícolas para produzir alimentos macrobióticos.

Em meados dos anos 70 apareceu o punk-rock, um estilo de música que se insurgia contra tudo que estivesse ligado aos valores burgueses. O punk era uma música de rua e os seus fãs vestiam-se a condizer. O movimento teve um papel muito importante, sobretudo para os jovens desempregados sem perspectivas de vida. O objectivo dos punks era alertar a sociedade para os problemas existentes, adoptando uma posição de protesto muito ofensiva e usando a sua forma de vestir para a acentuar. Usavam t-shirts seguras por meio de alfinetes e calças justas xadrez, bem como casacos de couro enfeitados com frases anarquistas, maquiagens berrantes, coleiras de cão à volta do pescoço. Os cabelos eram penteados espetados para cima.

A grosso modo, a moda dos anos 70 caracterizou-se por um desejo de autenticidade, de regresso ao natural e de auto-realização.

Década de 80

Foi nesta época que a alta-costura perdeu seu mistério, pois cada vez mais as mulheres possuíam repertório e ferramentas para criar seu próprio estilo. Os anos 80 foram marcados por releituras de épocas passadas, pelo couro, pelas ombreiras altas, pela sensualidade, pelas estampas, pelas cores fortes, pela febre da ginástica e do culto ao corpo e finalmente pelo surgimento da AIDS. O ícone da geração anos 80 foi a cantora pop Madonna.

Em 1980 entra em cena o look exagerado, poderoso, para as novas fortunas do mercado de ações. Os ombros são marcados por ombreiras enormes; a cintura e os quadris também são marcados nessa época. As mulheres tornam-se adeptas dos básicos inspirados no guarda-roupa masculino. O blazer é a peça de resistência. As criações de Chanel viram objeto de desejo e as bijutarias começam a balançar enormes. A mini-saia reina soberana e a princesa Diana começa a ditar moda. Também a moda punk que nasceu no final dos anos 70 reflete-se nos penteados e vestimentas e a moda disco-glitter também afina durante vários anos.



Mulher de negócios

A moda tinha-se tornado definitivamente internacional. A Alta-Costura francesa deixou de ser a tendência dominante. Em todos os países do mundo começaram a desenvolver-se estilos próprios, que eram adotados além das próprias fronteiras. A Inglaterra, a Itália e a Alemanha tornaram-se verdadeiros países produtores de moda.

Destaque para os criadores: Armani, Lacroix, Rei Kawakubo, Gaultier, Prada, Dolce e Gabana e Gucci.

Década de 90, até atualidade

Os anos noventa foram marcados pela diversidade de estilos e pela rapidez da moda. Vários estilistas surgem, a moda é considerado um fenômeno essencial na vida das pessoas. Surge a customização, o movimento grunge, que pregava a anti-moda. Também se fortalecem o skatewear, surfwear e o hippie Chic .



Moda fitness

Os EUA enviam para a Europa um vestuário clássico e desportivo, enquanto que do Japão nos chegam tendências vanguardistas. O estilo imposto pelos japoneses, com roupas fora de forma e modelagem, amassadas e inspiradas na pobreza, chocou de início, mas acabou contaminando a moda

internacional. A moda começou a integrar cada vez mais elementos lúdicos. O estilo pós-moderno, que marcou todas as formas de arte da década de 80, marcou também o design de moda.

Foi recriada a moda fetiche e o brilho algo frívolo dos clubes noturnos e das estrelas de Hollywood, que também contribuiu para introduzir elementos desportivos na moda dos anos 80. Ao contrário do que possa parecer, estes dois estilos não se excluem necessariamente um ao outro, mas completam-se. Têm até algo em comum, ou seja, um grande interesse pelo corpo. Nos anos 80 começou uma verdadeira onda de fitness, uma verdadeira invasão aos ginásios. A descoberta dos benefícios da ginástica acabou levando os tecidos, conceitos e modelagens das academias para o dia-a-dia.

A geração entre 15 e os 30 anos é uma geração decisiva para a moda dos anos 90. A música tecno e o vestuário em materiais sintéticos evidenciam que o culto ecológico dos anos 80 já não é tão forte. As profissões relacionadas com a informática e com a comunicação tornaram-se muito importantes, além de marcarem o dia-a-dia dos anos 90.



Publicidade da década

A moda inspira-se em muito do que já passou. Os desenhistas de vanguarda vem da Inglaterra e Bélgica, mas a Itália dita as tendências. É a década da Prada, Versace, Armani, Dolce e Gabanna e Gucci, Calvin Klein, Ralph Lauren, entre outros. Movimento minimalista, onde a lei é “menos é mais”.

As saias cobrem os joelhos e as calças tornam-se uma realidade. As transparências e decotes em todas as coleções tornam o busto objeto de desejo, fazendo com que a indústria dos seios de silicone crescesse com muita rapidez. O vestuário é inspirado na moda de 60 e 70, mas não é simplesmente imitação. É combinado de forma eclética com outros estilos, juntamente com elementos novos de origem tecnológica, e inspirados no webdesign e na sociedade de consumo. É quase obrigatório entre os jovens ter celular. O computador portátil faz parte da indumentária de quem já está na vida profissional. Há na publicidade de moda uma divulgação de silhuetas anoréxicas.

Com o regresso dos ingleses ao mundo da moda encerra-se, de certa forma, um ciclo: a Alta-Costura começou há cerca de cem anos com um inglês em Paris, Charles Worth. Agora recebe novamente impulsos novos e importantes da parte de estilistas ingleses. Paris continua a ser considerada a capital da moda. No entanto, o termo moda deixou de ser apenas sinônimo de moda francesa. Ao longo do século XX a moda transformou-se cada vez mais num fenômeno internacional, no melhor sentido do termo. A moda futurista começa a aparecer no final da década de 90, junto com as necessidades da sociedade moderna de ser cada vez mais prática, versátil, veloz e criativa. E os designers, os estilistas e a tecnologia passam a investir neste mercado com todas as forças.

Os anos 2000 entram com um forte movimento de individualização, também manifesto na moda (as crescentes customizações são exemplo disso). Há uma tentativa de busca pelo estilo pessoal, onde ser diferente é a proposta. Vemos também a valorização do conforto, com peças duráveis e práticas. A tecnologia têxtil avança e surgem fibras e tecidos inteligentes que agregam em sua estrutura inovadores diferenciais. O tecido TAKE® da Santa Constância é um exemplo disso. Utiliza o bambu como matéria-prima e possui um bio agente anti bactericida chamado “bambu kun”, que mesmo após 50 lavagens continua com suas características ativas, ou seja, não permite que

as roupas desenvolvam aquele cheiro de suor desagradável após o uso.

Também vemos manifestar em todas as esferas da vida uma preocupação ambiental. A aceleração dos ritmos de aquecimento global tem preocupado o planeta e a moda trata de traduzir estes anseios. Surgem novas fibras ecológicas, meios de beneficiamento menos agressivos e as pessoas passam a não se preocuparem apenas com o preço e beleza das peças, mas também com a forma com que foram produzidas. O TENCEL® (marca registrada de Lyocel) pode ser citado aqui. É uma fibra de celulose feita a partir da polpa de madeira, um recurso natural e renovável que é retirado de florestas gerenciadas e auto-sustentáveis. Tem características: conforto, controle de umidade, tenacidade no seco e no molhado, e também fluidez. Temos também o Treetap, couro vegetal produzido na Amazônia. Obtido através da vulcanização da borracha do látex despejada sobre uma superfície tramada gerando um tecido com aparência similar ao do couro, daí “couro vegetal”.

O presente da moda é apreciado, preenchido com arte da máquina e o avanço da tecnologia em fios, tecidos e acabamentos. O futuro carrega a chave da inovação, conveniências modernas e a criatividade inesperada.

Bibliografia dos conteúdos da apostila

EMBACHER, Ainton. **Moda e identidade: a construção de um estilo próprio**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1999.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Pp 160-173.

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2005/07/14/000.htm>

http://operegrinomistico.blogspot.com/2007_07_01_archive.html

LAYER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Pp 177-212.

RUFFAT, Michèle. “A moda dos anos 60 entre o artesanato e a indústria” in: SANT’ANNA, Mara Rúbia e QUIRINO, Soraya F. S. (org.). **ModaPalavra**. Florianópolis: UDESC/CEART, 2002. Pp 127-134.

www.girafamania.com.br/historia_arte/historia_arterenascentista.html

www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/renascimento/

www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=290

www.historiadaarte.com.br/artegotica.html

www.suapesquisa.com/mesopotamia

www.suapesquisa.com/povosbarbaros/

www.modamanifesto.com/index.php?local=detalhes_moda&id=99